

FÉ, TRADIÇÃO E IDENTIDADE: A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES CONSTRUÍDAS PELOS REINADEIROS DE BOM DESPACHO MG 2011-2014

VANDEIR JOSÉ DA SILVA¹

Introdução

A cidade de Bom Despacho localiza-se no Centro-Oeste Mineiro. Seu distanciamento está a 173 Km de Belo Horizonte e 525 Km linha reta da Capital do Brasil Brasília - DF Fonte consultada. <http://www.geografos.com.br/distancia-entre-cidades/distancia-entre-belo-horizonte-e-bom-despacho.php>. Acesso em 17/09/2014.

O objeto desta pesquisa é a Festa em louvor a Nossa Senhora do Rosário que acontece anualmente no mês de agosto nos dias 15 a 19. de agosto.

Esta pesquisa tem como justificativa o fato de termos uma escassa produção historiográfica sobre grupos de reinadeiros no Centro Oeste Mineiro. Dessa maneira proponho as seguintes argumentações: Quais representações esses participantes constroem sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário? De que maneira a Festa é repassada para as novas gerações? Há conflitos internos e externos entre os ternos de Reinados?

^{*1}Mestre em História Cultural pela Universidade de Brasília-UnB (2010), graduado em História pela Faculdade Noroeste de Minas (1999), graduado em Estudos Sociais pela Faculdade Noroeste de Minas (1998), Especialista em História do Brasil pela PUC-MINAS - Universidade Católica de Minas Gerais (2002). Coordenador do NIC – Núcleo de Iniciação Científica - Faculdade do Noroeste de Minas - FINOM. Integrante do grupo de pesquisa (TRANSE) laboratório Transdisciplinar de Estudos Sobre a Performance (Sol/UnB). Atualmente trabalha como professor na Instituição de curso superior: FINOM - Faculdade Noroeste de Minas e Faculdade Cidade de João Pinheiro – FCJP Presidente do Conselho Municipal do Patrimônio Cultural de João Pinheiro Minas Gerais. Atualmente trabalha na área de História, Sociologia, antropologia, TCC, (Trabalho de Conclusão de Curso). É pesquisador com ênfase nas temáticas: Quilombo, identidade étnica, cultura popular, representação social.

O objetivo da pesquisa é compreender de que maneira a Festa é representada pelos Reinadeiros. A metodologia utilizada é qualitativa sendo realizadas entrevistas orais.

A hipótese da pesquisa se assenta na idéia de que a Festa é uma expressão cultural repassada entre as gerações através da oralidade.

A relevância social e acadêmica do trabalho acontecerá com a entrega do trabalho escrito para a Associação do Reinadeiros de Bom Despacho e Biblioteca Municipal de Bom Despacho como forma de agradecimento pela participação dos narradores.

SUCINTAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A FESTA DO ROSÁRIO E SEUS PREPAROS

O festejo na cidade de Bom Despacho é a maior manifestação cultural da cidade. No total há 21 ternos de reinadeiros alguns com mais de cem anos de existência. Há durante o festejo presença de grupos que não são vinculados a Associação dos Reinadeiros de Bom Despacho, mas que participam da procissão juntamente com os demais grupos tanto durante os cinco dias de festejo como na procissão que acontece no domingo saindo da porta da Igreja do Rosário e finalizando na Matriz de Nossa Senhora do Bom Despacho.

Compartilho com Passos (2002: 25), quando afirma que: “na Festa, por causa dela, o indivíduo ‘vive o tempo das emoções intensas e da metamorfose de seu ser’. É tal o poder revigorante da festa, que é justo dizer que vivemos ‘na recordação de uma festa e na expectativa de outra’. É neste burburim que a Festa de Nossa Senhora do Rosário chegou a um século e meio de acordo com seus participantes envolvendo anualmente homens, mulheres e crianças a homenagearem a Santa através de

“Cortes²”, com grupos de diferentes bairros da cidade. Cada Corte de Reinado possui fardas com cores e indumentárias que são alternadas durante os dias que eles circulam pelos bairros e centro da cidade. Na peregrinação eles fazem apresentações performáticas pelas ruas, e ao chegarem às casas onde foram previamente combinado, os anfitriões ficam de posse da Bandeira principal enquanto o Capitão canta seguido por membros do grupo até a quinta voz. O canto é em forma de versos e com o término, o Capitão inicia a oração do Pai Nosso, acompanhado da Ave Maria finalizando com pedidos de proteção de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Nossa Senhora das Mercês, Santa Efigênia entre outros santos, agradecendo e rogando proteção a família. Com o término da cantoria é oferecido café, refrigerantes e biscoitos variados a reinadeiros e presentes em agradecimento pelo milagre que a família recebeu.

Contemporaneamente há 21 (vinte e um) ternos de reinadeiros sendo estes de diferentes bairros da cidade de Bom Despacho. Estes variam em relação ao número de membros, faixa etária e composição por sexo. Há Cortes onde somente os homens tocam e dançam acompanhados de princesas, promesseiras e rainhas que impunham de bandeiras. Mas há também grupos compostos de ambos que tocam e dançam.

A ligação entre os fiéis ocupa um papel de permanências, rupturas e persistências e estão ligadas as condições sociais e culturais vinculadas à história que vai sendo lembrada sob versos rimados, contos e danças. O Festejo de acordo com os narradores da pesquisa apresenta um passado de reconstruções que são repassadas de geração em geração. Entendo que para compreender a pesquisa é necessário haver uma escuta e observação sensível, pois os narradores dispõem de suas lembranças como relicários moldados a medida do presente vivido por eles. Penso como (BOSI,1998: 85) que: “O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam”.

A Festa é sentida de diferentes maneiras de acordo com os grupos de reinadeiros que expressam a devoção aos seus santos protetores tendo como principal protagonista Nossa Senhora do Rosário que por ocasião da festividade a Igreja fica sempre cheia de

² Corte aqui é entendido como reunião de pessoas que produzem o Festejo através de cantorias, batidas de instrumentos e louvores entoados para Nossa Senhora do Rosário.

fiéis da cidade, de outros municípios e Estados. Em seu interior pode ser notado à presença dos andores de Nossa Senhora do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora das Mercês. No lado direito do altar a presença de uma coroa Gigante que em seu interior compões-se de várias coroas pequenas que atraem as pessoas pela beleza que cada uma demonstra. Acima da coroa e fixos na parede, grandes rosários fazem o contorno. Enquanto o lado esquerdo, um mosaico de quadros de Nossa Senhora faz um formato de pirâmide. No teto do templo religioso a imagem gigante pintada da Santa, uma beleza que leva os fiéis ao entrarem no templo tanto pela porta central como pelas laterais a contemplarem com os olhares fixos essa formosura.

Do lado de fora da igreja, enfeites de bandeirolas presos no pé de Pinheiro são estendidos até a porta da Igreja. Na praça levantamentos de mastros acontecem pelos reinadeiros, com imagens levantadas em bandeiras. Também é realizado o levantamento de bandeiras na praça com os nomes de cada Corte.

Toda essa festividade tem um tempo de duração de dezessete dias e de acordo com a programação. No ano de 2014 ela iniciou no sábado dia 27 de julho finalizando na segunda-feira em 17 de agosto com a descida dos mastros encerramento da Festa na Praça do Rosário. Essa programação foi organizada pela Associação dos Reinadeiros, conjunto com a Corte de Nossa Senhora do Rosário e as Paróquias: Nossa Senhora do Rosário, Nossa Senhora do Bom Despacho, São José Operário, São Vicente de Paulo, Paróquia Militar e Capelania Santa Casa³. Estão entre os participantes os Cortes credenciados: Rei Congo, Rainha Conga, Rei Preto, Rei Bordão Perpétuo, Rainha Perpétua, Rei Perpétuo de São Benedito e Rainha Perpétua de Santa Efigênia, Rainha Perpétua Nossa Senhora das Mercês, Rainha Perpétua da Coroa de Nossa Senhora do Rosário, Rei de Nossa Senhora do Rosário e o Capitão-mor. No ano de 2014 vinte e um Ternos de reinadeiros associados e também os que estão na ilegalidade de registro desfilaram pela cidade sendo eles: dois Moçambique, um Penacho, um guarda de marinheiros, um Catupé, um Vilão e quinze Congo.

A celebração da missa conga que acontece no domingo é direcionada por Cristiano Caetano Leal Pároco da Paróquia do Rosário. De acordo com o padre em

³ Informação retirada do cronograma distribuído aos festeiros e participantes.

homília ele diz ser, “o Reinado de Bom Despacho uma das melhores manifestações cultural de Minas Gerais”.

REPRESENTAÇÕES CONSTRUIDAS POR REINADEIROS SOBRE A FESTA DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO

De acordo com as lembranças dos entrevistados eles afirmaram que iniciaram a participação no grupo de reinadeiros por diversas situações sendo elas por fé a Nossa Senhora do Rosário, pela tradição dos pais, pagamento de promessas e pelo gosto de participar da Festa. Neste sentido Luiz Alberto Alves 31 anos, sendo um dos três capitães de seu grupo tendo recebido a guarda do corte, contou que ele tomou a responsabilidade com idade de 14 anos, momento que ocorreu o falecimento de seu pai. Sobre seu corte ele afirmou:

O corte tem 104 anos e iniciou com três ex-escravos da fazenda dos Germanos. Eles chamavam: José Leite, Maria Leite e Bina. Foram através destes que começou o Corte que foi passado para José Igrássia, depois para meu avô Alberto Antônio Ribeiro repassado para meu pai José Miguel Alves e depois eu Luiz Alberto como Capitão e meu irmão Ronaldo José Alves de 33 anos também como Capitão. O Pedro meu sobrinho também faz parte do Corte como pequeno Capitão.

Ao lembrar como foi iniciado seu Corte cujo nome é Estrela do Oriente é possível perceber que são cinco diferentes comandos e na família de Luiz Alberto a contar seu sobrinho Pedro Vitor Alves Sobrinho o membro mais novo com idade em 2014 de sete anos essa é a quarta geração.

É possível perceber pela narrativa que a composição do grupo de reinadeiros tem início com José Leite, Maria Leite e Bina todos ex-escravos. A partir desses, é que houve interesse do prosseguimento da tradição sendo esta repassada na família de Carlos Alberto. As palavras do narrador fazem-me pensar no sentido da oralidade quando (COSTA, 2001: 79) descreve que: “A cada minuto de nossa existência, narramos o que testemunhamos nossas dúvidas, nossas crenças, amores e desafetos, enfim, nossa experiência pessoal e social –

do presente, do passado e do futuro -, e dessa forma construímos nossa vida e a vida dos outros”. Percebo nas reflexões da historiadora o sentido de termos tempo para ouvir o que as pessoas têm a nos dizer. Elas nos permitem compreender espaços que para nós são opacos, mas cheios de sentimentos e sentidos. É o que posso perceber no direcionamento das conversas e participação com os reinadeiros durante o festejo. Diante das narrativas orais, o entrevistado oferece condições de apreender na sensibilidade de suas palavras comportamentos, explicações da permanência de idosos, adultos, jovens e crianças compartilharem dos sentidos e sentimentos da Festa de Nossa Senhora do Rosário.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário é uma festividade de fé, tradição, respeito e devem seus componentes de acordo com o Capitão Mor o Sr. José Vieira de oitenta anos conhecê-la, pois ela é cheia de rituais e simbolismos, e de acordo com os integrantes mais experientes “*o Reinado você não aprendi você vive*”. Como pode ser percebido existem procedimentos a serem compreendidos em cada um dos elementos que fazem parte do festejo bem como hierarquias dentro da Festa. A este respeito o Capitão Mor explica. “*Quando eu recebi o bastão eu passei a ser o coordenador de todas as congadas, responsável por todos os cortes. O bastão é o comando, ele comanda a Festa de acordo com o movimento que faço*”. De acordo com as lembranças do entrevistado muitos rituais fazem parte da Festa. “Ritual de acordo com (TURNER, 2008: 49): pode ser compreendido: Por “ritual”, entendo o comportamento formal prescrito para ocasiões não devotadas às rotinas tecnológicas, tendo como referência a crença em seres ou poderes místicos”. É preciso ficar atento neste sentido na pesquisa de campo para não mudar essa representação construída pelos participantes entrevistados e sob a luz teórica construir um texto pautado nesses dois contextos.

Entendo representações como define (MOSCOVICI, 2005:40) sendo “Todas as interações humanas, surjam elas entre duas pessoas ou entre dois grupos, pressupõem representações”. Colaborando também neste sentido, para (PESAVENTO, 2004:41):

As representações são também portadoras do símbolo, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no

inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão.

São estes meandros de interações que constroem sentidos como apontam os autores. O que parece comum e natural pelo grupo é visto como algo cheio de simbolismo e representações na percepção do pesquisador. É desta maneira que percebi as práticas desenvolvidas pelos reinadeiros durante os dias de peregrinações pelos bairros da cidade. O caminho mais fácil para compreendê-los é o de fazer a jornada de andar pelas ruas, viver com eles o colorido do festar, o envolvimento de poder observar a manifestação religiosa e tentar interpretar a partir desta vivência, as falas nas entrevistas, danças, rituais, sons de instrumentos e versos improvisados cantados para os festeiros.

Dessa maneira, cada membro dos grupos entrevistados tem sua maneira de explicar sua presença no corte. D^a Joana Princesa da Guarda e coletora de donativos a vinte cinco anos relata que ela vem seguindo a tradição da participar da Festa pelo pedido atendido de Nossa Senhora Do Rosário. Segundo ela: a filha de dois anos ao ingerir banana maçã verde ficou com o intestino preso a ponto de o médico marcar cirurgia para retirar um pedaço do intestino porque não entendia se o mesmo havia dando um nó ou estreitamento. Segundo a narradora isso deixou a família muito apreensiva e em decorrência da fragilidade e o medo da mesma não agüentar o procedimento cirúrgico fez com que D. Joana fizesse promessa a Nossa Senhora do Rosário de sair pelas ruas pedindo esmola por ocasião de sua Festa se sua filha fosse curada.

Então eu pedi a Nossa Senhora, se ela intercedesse por mim junto a Jesus que não fosse preciso da minha filha fazer a cirurgia, que eu iria ajudar, enquanto vida eu tivesse. Isso foi na quarta-feira, na sexta-feira ela soltou o intestino. Ela iria operar na segunda-feira seguinte. Eu dei um banhozinho nela e ela dormiu o resto do dia e a noite inteira por causa que ela já estava muito fraca, muito debilitada, pois não estava alimentando a mais de uma semana. E graças a Deus, Nossa Senhora abençoou pelas mãos de Nossa Senhora e Jesus acima de tudo foi quem aliviou e não foi preciso graças a Deus.

Como pode ser percebida a realização do pedido atendido por Nossa Senhora desperta na fiel o sentimento de agradecimento e realização espiritual. Ainda em suas

rememorações ela afirma: “Eu me sinto realizada espiritualmente porque tenho muito amor por Nossa Senhora e às vezes eu me sinto assim Ela como intercessora junto de mim, resolvendo, me ajudando a solucionar as coisas”. Segundo a narradora desde o milagre alcançado ela segue com a bandeira pedindo esmola o que não é fácil, pois o ofício muitas vezes é humilhante dado a maneira que muitas vezes as pessoas tratam as esmoleiras. De acordo com Nair Cristina Cândida Silva Alves 29 anos esse ofício tem que ser trabalho com a população, pois não raras vezes as pessoas não querem doar e dizem:

A pessoa diz á eu não vou dar oferta porque santo não come. Fala essas coisas para agente. Mas agente tem que relevar. Às vezes a pessoa não tem aquela vamos dizer maturidade que agente tem de estar participando. Mas eles sabem, não é para o Santo, é para realizar a Festa.

Colaborando com o raciocínio de D. Joana, as palavras de Nair Cristina demonstram as dificuldades pelas quais elas passam. Mesmo diante dessas condições para D. Joana a tarefa de pedir esmola durante os cinco dias é gratificante, segundo ela:

Eu estou agradecendo graças! E todos os dias eu conto com Ela e acompanho com a maior alegria do mundo, e peço esmola que é uma coisa que eu acho assim, humilhante. Eu não preciso graças a Deus, mas por amor a Nossa Senhora eu faço com o maior carinho.

É possível perceber na fala acima que embora a entrevistada afirme não ter necessidade de pedir esmola, ela o faz pela obediência, amor e pelo agradecimento da cura de sua filha. O pedido feito na prece e a graça concedida por Jesus com o intermédio de Nossa Senhora nas palavras da promesseira marcaram um elo que perdurará enquanto vida ela tiver, trabalhando nos dias da Festa. Neste sentido para (PASSOS & NASCIMENTO, 2002:19-20) “O tempo e o espaço têm itinerários diferentes, mas as promessas e as preces se encontram e alinham histórias, crenças, costumes, saberes e devoções que não se encolhem, “quando percorrem distâncias”. Concordo com os autores, as crenças estão sempre ligadas a nossa fé e a fé dos outros, isto possibilita a força necessárias para que o fiel percorra o caminho a procura da fonte

de abastecimento. As pessoas estão sempre à procura de um rito de iniciação porque elas precisam de algo no que possam acreditar.

Nair Cristina Cândida Silva Alves 29 anos iniciou no Corte Estrela do Oriente a mais os menos 12 anos. Segundo ela sua iniciação deu-se como princesa como todas as meninas que entram no Corte. Há dois anos ela carrega a faixa de rainha e como função, organiza as princesas, conta esmola, organiza os cafés, promessas e bandeiras. Neste sentido ela afirmou ser gratificante participar do Corte Estrela do Oriente, porque é uma devoção a Nossa Senhora do Rosário e as graças alcançadas são muitas. Percebo na narrativa da entrevistada que há um compromisso dos reinadeiros levando para locais públicos sendo essas ruas, praças becos, estendidos também aos locais privados, ou seja, as casas visitadas que também tornam-se momentaneamente públicas onde desde os reinadeiros a acompanhantes do Corte, transitam no exterior e interior da propriedade. Essa circularidade do Corte de entrar e sair por bairros e casas é explicada por Nair como sendo um ato de “Levar Nossa Senhora onde ele vai”. Dito de outra maneira ela diz: “A nossa função é levar Ela para os fiéis”. Esse envolvimento todos os anos apontado pela narradora é um caminho de fé uma tradição que tem prosseguimento por parentes e amigos que se reúnem para homenagearem Nossa Senhora do Rosário, um ato de fé e tradição que é seguido de geração em geração. Nas palavras da recordadora:

Eu tenho meu irmão, minha mãe que faz as bandeiras. Meu avô, falecido também foi os meus tios, os meus quatro tios estão aqui. Agora as minhas primas estão entrando uma geração nova. Eu sou casado com o Ronaldo, Capitão do Corte, então se Deus quiser os meus filhos também virão.

Perceba como a Rainha de bandeira insere sua família como participantes e devotos apontando desde os mais velhos a nova geração sugerindo prosseguimento também a seus futuros filhos. Essa tradição de geração em geração pode ser compreendida na fala de Eduardo 15 anos quando relata “Meu pai era capitão, ele faleceu faz parte do Corte eu e meu irmão. Eu danço desde pequeno, eu comecei novinho, a minha mãe me carregava, é tradição. A maioria das pessoas que dançam é tradição de família”.

A dinamicidade do conhecimento portado pelos reinadeiros como pode ser compreendido neste texto, está eminentemente estruturado sob a oralidade que revitaliza

o conhecimento entre os integrantes do grupo. Neste sentido Para a Sr^a Vilma de 68 anos, Rainha da Bandeira principal do Corte Estrela do Oriente essa tradição da Festa é vivenciada por eles como devoção e porque eles querem a perpetuação do repasse da festividade marcando o passado no presente. A devoção a Nossa Senhora do Rosário tem muitas maneiras simbólicas de ser expressa pelos integrantes dos grupos, mas para a narradora Ela é entendida como mãe e protetora afirmando que: “Nossa Senhora do Rosário é a minha mãe. Nossa Senhora do Rosário significa a minha mãe, a que manda para nós. Sem a mãe não fazemos nada! Ela nos protege”! A força que revigora anualmente e dá força e segurança aos grupos a saírem pelos bairros de acordo com os reinadeiros é a confiança da proteção de Nossa Senhora que no entendimento de D. Vilma está simbolicamente estampada em sua bandeira. Assim ela diz:

A minha bandeira que eu carrego é a principal, aquela é minha só, ela não pode sair. Aquela só anda na fila. Tem aquelas outras que podem passear. A minha só fica na fila, o grupo não pode sair sem ela. Ela não pode sair porque no meu modo de pensar ela é a segurança. Porque a Festa tem que ter segurança. E a segurança nossa é ela E é também saber o que é aquela Festa. Porque é a bandeira que indica. Eu acho que a bandeira é uma responsabilidade da gente. Eu gosto muito de carregar ela. Todo lugar que eu vou, eu gosto de carregar ela. Portanto é assim, eu não passo ela para ninguém. Eu não sei qual é a minha missão não, mas eu tenho que carregar ela! De forma que quando alguém me pede para carregar, eu não aceito! Não passo para ninguém e digo, carrega aquelas de lá. Porque o Luiz Alberto me entregou ela e me pediu para carregar ela. Eu sinto a responsabilidade de seguir aquilo que ele pediu. Para ajudar ele, para dar uma força para ele, isso já tem quatorze anos.

A história de D. Vilma demonstra a importância de sua participação no Corte ao ser responsável pela Bandeira que segundo ela é a principal de todas. Sua representação nos leva a perceber que a mesma traz confiança e segurança para todos os membros do grupo. Neste sentido, pode ser percebido que a narradora atribui a ela a responsabilidade de guarda e proteção do instrumento simbólico que carrega como expressão de levar aos participantes do Corte certeza do amparo Divino na imagem da Bandeira que irá livrá-los de todos os perigos e males. Isso me leva a comungar com (PASSOS, 2002: 270) ao escrever. “As crenças e tradições populares falam de um mundo cheio de mistérios. A religiosidade popular cria um mundo de imagens onde se encontram histórias e memórias produzidas coletivamente. Trata-se do imaginário e de suas representações”.

Podemos perceber que toda narrativa é fruto de escolha de palavras que procuram dar sentido a aquilo que se quer dar a compreender. Dessa maneira diferentes explicações dos reinadeiros dão sentido à existência da Festa que nas palavras de Wellington Borges vinte e quatro anos dançador desde os quatro anos de idade contemporaneamente Capitão, tocador de sanfona e cantador, a manifestação popular pode ser compreendida na representação das letras das músicas rimadas que são cantadas pelo Capitão como maneira de contar a história do festejo. De acordo com Wellington.

Na verdade, a música é como se você tivesse contando para alguém a história da festa, em versos rimados. Na maioria das vezes rimados. Versos que a gente mesmo faz que não tem autoria. (...) Assim da autoria popular, não tem um autor fixo. Primeiro é o capitão, ele canta conversando com a rainha, a que esta pagando a promessa. Depois tem as cinco vozes, a primeira a segunda, a terceira a quarta e a quinta. A primeira é a resposta, e a segunda acompanha a resposta, é como se fosse uma dupla sertaneja, primeira e segunda voz e a terceira sucessivamente.

Como dito pelo tocador são muitas músicas cantadas e elas são símbolos de representação passados de forma oral do Capitão para a Rainha e para o Rei que estão pagando a promessa. Nos versos cantados de acordo com o narrador é repassado o fundamento da Festa. Já para o senhor Rafael de 73 anos tocador desde 1958 a Festa tem sentido para ele porque ela

Representa as graças que eu recebi que Nossa Senhora me deu, ela me deixou eu são, graças a Deus eu não tive problema nenhum e não tenho. Então por isso é que eu danço neste corte e danço para Nossa Senhora em louvor a ela. Porque ela foi à primeira mãe minha e me deu vida! Então essa promessa que meu pai fez, enquanto eu tiver dando conta, eu danço para ela, com muito louvor.

A relação estabelecida entre os cultivadores da manifestação popular em homenagem a Senhora do Rosário impele para uma possível sensibilidade da crença e do acreditar que é possível curas a partir da fé de cada devoto, um movimento pessoal que cada um explica a sua maneira. Essa interferência realiza uma circularidade de maneira que no ano de 2014 vinte um terno de reinadeiros oficializados pela Associação dos reinadeiros de Bom Despacho e mais os que estão na ilegalidade por não serem registrados, andam pelas ruas da cidade de maneira que na segunda-feira é decretado

feriado na cidade. Isto me faz lembrar o reinadeiro Adélio Silva que em uma conversa disse-me: “A maior Festa de Bom Despacho é a Festa de Nossa Senhora do Rosário do Centro Oeste Mineiro” É essa convicção que percebi entre todos os entrevistados. Fieis que inspirados pela Festa procuram desempenhar o seu papel da melhor maneira possível, nas palavras de Wellington o que os levam a saírem e a cada ano haver mais grupos de reinadeiros formados é a fé das pessoas.

Nas entrevistas os festeiros disseram que é tradição a coroa ser repassado dentro da própria família.

A participação dos festeiros é fundamental para o bom andamento da Festa pois eles oferecem aos reinadeiros cafés, jantares envolvendo-se também em outras atividades como ajudar a pagar quando preciso a farda usada pelo grupo ou para algum reinadeiros que não tem condições financeira. Há festeiros que acompanham o Corte com bandeira e fazem pedido de esmola. Essa é uma maneira segundo eles de agradecerem a demonstração de fé e humildade dos reinadeiros que dançam para Nossa Senhora sendo uma ação intensa que os emocionam. De acordo com D^a Joana “somente quem tem muito amor a Nossa Senhora, tem muito amor a Mãe é que faz uma coisa dessas, consegue dançar cinco dias seguidos, faça sol, faça chuva”.

Diante dessa manifestação cultural que traz durante os cinco dias oficiais de Festa, alegria e cor para a cidade, existem também as tensões criadas que segundo Sebastião Melo⁴: acontece entre os ternos de reinadeiros, Associação dos Reinadeiros e direcionamento da Igreja.

Em relação à colocação do narrador foi possível perceber durante a pesquisa de campo que existem ciúmes de alguns ternos em relação a outros e conforme o entrevistado eles devem ter cuidado, pois uma pessoa pode oferecer a um tocador uma comida que lhe deixará indisposto tendo o mesmo que deixar de tocar. Percebi que um dos maiores orgulho dos grupos é a quantidade de membros que eles possuem sendo que no sábado e domingo os Cortes ficam mais numerosos em decorrência de ser final de semana e eles estarem livres do trabalho podendo tocar, dançar e cantar durante esses

⁴O nome fictício tem finalidade de preservar o tocador.

dois dias. Essas tensões são elementos que diferenciam um grupo do outro e criam a identidade dos diferentes Cortes de reinadeiros. Como afirma (WOODWARD, 2000: 9), “[a] identidade é, assim, marcada pela diferença”.

Para Maria José da Silva Lopes 50 anos ao falar de sua presença entre o grupo ela relata que assistia a apresentação somente no dia da procissão embora seu filho tenha participado como reinadeiro e suas filhas como princesa. Com o desligamento dos mesmos ela continuou a assistir os grupos ao passarem na porta de sua casa e no domingo acompanhava a procissão que sai da Igreja do Rosário finalizando na Matriz de Bom Despacho. Em suas lembranças ela diz que, há três anos ela vem acompanhando o Corte do Capitão Luiz Alberto durante os cinco dias e diz:

Eu gosto de andar junto com o Corte. Eu gosto de prestar atenção em tudo que eles fazem. Para mim Nossa Senhora do Rosário significa tudo! A fé é grande! Você passa a ter mais fé acompanhando, pois escuta um depoimento aqui, a fé de um aqui, outro ali! Engrandece a fé da gente mais ainda. Eu acho que agente deve ir ao Reinado do início até o final. Eu gosto da dança, do canto.

A relação da narradora de acompanhar o Corte segundo suas informações tem três anos, mas ela já os conhecia, pois foram eles que a ajudou a conseguir a farda para seu filho dançar no Corte. Segundo Maria José em sua narrativa ela afirma ser preciso participar da peregrinação para haver compreensão do sentido da Festa.

Considerações Finais

Foi possível observar durante a pesquisa que os grupos de Reinadeiros tem uma atividade bastante exaustiva durante os cinco dias. Os cantos em versos rimados são sempre referências para o grupo, elas contam histórias da Festa de Nossa Senhora do Rosário, em agradecimentos a rainhas e reis. O capitão canta em rima história do cotidiano, tornam suas palavras artes em versos rimados, ele agradece aos companheiros as mulheres que saem com as bandeiras, pedem proteção a Nossa Senhora do Rosário.

A tradição Festiva e o repasse dos ensinamentos acontecem de maneira oral, onde o cargo de Capitão tem sido repassado seguindo as gerações.

Em relação às representações construídas sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário, Capitães, tocadores, promesseira, Capitão Mor e padre construíram diferentes maneiras sobre o significado da Festa do Rosário, mas apontando para fé, tradição, entrega agradecimento, pedidos, oralidade história, memória e tensões. Seria impossível não haver momentos tensos no decorrer da Festa tendo em vista a numerosa quantidade de pessoas envolvidas no festejo. São estes momentos que se dão as formações da identidade que segundo (SILVA, 2003:75) estão relacionadas da seguinte maneira. “Assim como a identidade depende da diferença, a diferença depende da identidade. Identidade e diferença são, pois, inseparáveis”.

Acredito que muito ainda se tem a conhecer sobre a Festa e seus diferentes participantes. A cada nova entrevista ou vivência na Festa, nascem novos elementos que instigam novas problematizações. Isso me faz ter certeza de que não há palavras finais para este trabalho, mas sim um árduo caminho a ser percorrido que desvelem informações sobre a Festa de Nossa Senhora do Rosário seus organizadores, festeiros, reinadeiros e participante como objetos de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos.** 5. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- COSTA, Cléria Botelho da. et. al. (orgs). **Contar História, fazer História: história, cultura e memória.** Brasília: Paralelo 15, 2001.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações Sociais. Investigações em psicologia social.** 3ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- PASSOS, Mauro. (organizador). **A festa na vida. Significado e Imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PASSOS, Mauro. **Não abandone o homem aqueles que Deus Chamou – “Encomendações de almas” na religiosidade popular em Minas Gerais.** In: PASSOS, Mauro (Org.). **A festa na vida: significado e imagens.** Petrópolis: Vozes, 2002.

PEREZ, Léa Freitas. (in) **Antropologia das efervescências coletivas.** Passos, Mauro. (organizador). **A festa na vida. Significado e Imagens.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PESAVENTO. Sandra Jatahy. **História & História Cultural.** Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

WOODWARD, Kathryn, **Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual.** In. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** (org). HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Petrópolis: vozes, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **A produção social da identidade e da diferença.** In. SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** (org). HALL, Stuart, WOODWARD, Kathryn. Petrópolis: vozes, 2003.

Turner, Victor. **Dramas, Campos e Metáfora: Ação simbólica na sociedade humana.** Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2008.

TURNER, Victor. **Floresta de Símbolos: aspectos do Ritual Ndembu.** Niterói: EDUF, 2005.